



ENSAIO
CULTURA E ARTES //

O “Bordando a Cidade”¹ nasceu de encontros. Entre universidade e comunidade, entre memória e técnica, entre bordado e cidade. Nasceu também de uma experiência específica: a chegada da UFRB a Santo Amaro e, da minha chegada ao Recôncavo baiano, em 2014, quando a atuação docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia passou a se entrelaçar às práticas de extensão universitária, à educação patrimonial e às investigações antropológicas sobre saberes, ofícios e cotidianos. A cidade, suas festas, seus modos de viver e suas expressões culturais produziram deslocamentos importantes na maneira de compreender tanto a antropologia quanto a própria universidade.

¹ Texto de autoria de Thais Fernanda Salves de Brito.



**“MAIS DO QUE ENSINAR
TÉCNICAS, OS ENCONTROS
BUSCAVAM PRODUZIR
RELAÇÕES”**

Territorios em arte
Bordando a cidade





1. AS FOTOGRAFIAS EXPOSTAS FORAM PRODUZIDAS ENTRE OS ANOS DE 2014 E 2025 PELA COORDENADORA DO PROJETO E DEMAIS COLABORADORES, DURANTE OS ENCONTROS REALIZADOS. AS AMOSTRAS APRESENTADAS CORRESPONDEM ÀS PRODUÇÕES DESENVOLVIDAS PELAS MULHERES QUE FORMARAM O PROJETO.



INTRODUÇÃO Inicialmente, o projeto surgiu de forma experimental, quase como uma tentativa de criar espaços de convivência e troca a partir das técnicas têxteis e dos saberes relacionados ao bordado, enquanto buscávamos criar aproximações entre universidade e comunidade santamarense. A experiência anterior de pesquisa sobre bordadeiras e produção artesanal têxtil no Nordeste brasileiro já apontava que o bordado não poderia ser entendido apenas como ornamentação ou trabalho manual. Os bordados carregam narrativas, memórias familiares, formas de transmissão de conhecimento, relações de gênero, circuitos econômicos e modos de interpretar o mundo.

Ao longo do tempo, o “Bordando a Cidade” passou a reunir oficinas, rodas de conversa, atividades de formação, ações de educação patrimonial e experimentações pedagógicas. Mais do que ensinar técnicas, os encontros buscavam produzir relações. Bordava-se enquanto se falava da cidade, das trajetórias de vida, das famílias, do trabalho, da religiosidade e das transformações do território. Nesse

processo, a prática extensionista deixou de funcionar apenas como “retorno” universitário para a comunidade e passou a operar como espaço de produção compartilhada de conhecimento. Essa perspectiva aparece, posteriormente, no artigo “Por uma antropologia ouriçada”, no qual a experiência extensionista é compreendida como uma forma de relação etnográfica marcada por curiosidades mútuas, deslocamentos e abertura ao inesperado.

“Bordando a cidade – Oficinas de bordado e de educação patrimonial” consolidou-se institucionalmente por meio de sua articulação com o Massapê – Programa de Educação Patrimonial, ativo desde 2014, e com o Grupo de Pesquisa Mesclas. E, desde então, temos ampliado sua atuação, fortalecendo vínculos entre estudantes da universidade e a comunidade santamarense, especialmente mulheres interessadas nas práticas do bordar e nos debates sobre memória e patrimônio cultural.

Uma das experiências mais importantes dessa trajetória foi a formação do grupo “Bordadeiras da Ilha”, criado a partir das oficinas realizadas na Ilha do Dendê, região periférica de Santo Amaro. Entre 2014 e 2018, desenvolvemos atividades no bairro que promoveram encontros entre mulheres da comunidade que passaram a bordar coletivamente, produzindo não apenas peças artesanais, mas também espaços de convivência, ocupação e geração de renda. O impacto dessa experiência foi registrado em documentos institucionais do projeto, nos quais se destaca a importância da extensão universitária na transformação das relações entre universidade e território.

Paralelamente às ações comunitárias, o “Bordando a Cidade” também produziu reflexões acadêmicas e desdobramentos de pesquisa. O projeto gerou trabalhos de conclusão de curso, relatórios, apresentações em congressos, artigos e capítulos de livro. Entre eles, destaca-se o texto “Aula de bordado”, publicado na coletânea *Artes, Saberes, Antropologias* (2022), que discute uma experiência pedagógica realizada no contexto universitário a partir das práticas do bordar. O texto propõe pensar o bordado como dispositivo de memória, aprendizado e transformação, mostrando como estudantes passaram a revisitar histórias familiares, experiências de trabalho e conhecimentos cotidianos frequentemente invisibilizados no espaço acadêmico.

Nos últimos anos, o projeto passou a se dedicar especialmente ao bordado barafunda, técnica tradicional presente nas indumentárias do Candomblé na Bahia. O interesse por esse tipo de bordado surgiu da aproximação com práticas culturais e religiosas do Recôncavo, especialmente da percepção de que os bordados desempenham papel fundamental nas formas de devoção, distinção e expressão pública das religiões afro-brasileiras. O barafunda é um bordado realizado sobre tecido desfiado, formando uma espécie de mosaico a partir do urdir das linhas. Sua execução exige precisão técnica, paciência e domínio de um conhecimento transmitido entre gerações e, sobre essa



modalidade de bordado específica, Leila Carvalho, uma das participantes do projeto e mestranda da UFRB está desenvolvendo sua pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural.

As oficinas mais recentes reuniram estudantes, mulheres da comunidade e participantes idosas, criando um espaço intergeracional de aprendizagem e troca. Ao mesmo tempo, essas experiências passaram a dialogar diretamente com pesquisas mais amplas sobre pedagogias do cotidiano, artes e saberes da pessoa comum, vinculadas ao projeto de pesquisa.

Territórios em arte

Bordando a cidade

Ao longo dessa trajetória, o “Bordando a Cidade” tornou-se mais do que um projeto de oficinas. Transformou-se em espaço de investigação antropológica, prática pedagógica, ação extensionista e experiência de convivência. Seus caminhos nunca foram lineares. Houve dificuldades institucionais, problemas de financiamento, interrupções e reformulações. Ainda assim, o projeto continuou produzindo encontros, deslocamentos e perguntas importantes sobre memória, patrimônio, cidade e universidade.

Hoje, talvez uma das questões mais difíceis seja justamente pensar seu futuro. Depois de tantos anos, o projeto já não cabe apenas como ação extensionista ou atividade acadêmica. Ele se tornou parte de uma reflexão mais ampla sobre os modos de construir relações entre conhecimento, território e vida cotidiana. Permanecer, transformar-se ou encerrar um ciclo são possibilidades que seguem em aberto. Talvez porque alguns projetos não existam para produzir respostas definitivas, mas para manter vivas certas formas de encontro, escuta e elaboração coletiva do mundo.

